

MAIS UM BALANÇO

***Roberto Rodrigues**

Impossível não fazer balanço das atividades no final do ano. Da mesma forma, empresas, instituições e famílias se ocupam das perspectivas para o próximo. Embora todo mundo esteja cansado de saber que a troca dos números do calendário não represente maiores mudanças na situação econômica, política ou social, sempre se usa esta ocasião para especular sobre o futuro.

Não é diferente com a agropecuária, que por sinal teve um bom ano em 2020.

Ajudada por mais um recorde de produção de grãos, a atividade rural foi ainda mais beneficiada pelo aumento de demanda determinado pela tragédia da pandemia. O tema da segurança alimentar, que andava meio esquecido com a permanente super oferta de alimentos em nível global, voltou a se transformar numa ameaça a todos os países que não são autossuficientes, provocando uma corrida em busca de garantia de abastecimento. Com isso, os preços dos alimentos subiram em dólares. Ademais, o conhecido problema da peste suína africana, que foi combatida com eliminação de grande parcela do rebanho porcino na China, obrigou o gigante asiático a importar grandes quantidades de carne bovina e de aves para abastecer sua enorme população, o que foi outra uma razão para subida anormal de preços de proteína animal. A desvalorização do real frente ao dólar se somou a tudo isso e as exportações do agro brasileiro durante o ano superaram as do ano passado, com boa valorização em real dos produtos agropecuários.

Internamente, o socorro dado pelo governo federal às parcelas mais vulneráveis da nossa sociedade aumentou o consumo de alimentos, além de ter aquecido a economia em várias regiões do país.

Todos estes fenômenos conjugados causaram aumento de preços dos grãos (especialmente soja, milho e arroz) e de carnes a níveis acima de qualquer expectativa, e embora a maioria dos produtores rurais já tivesse vendido suas safras antes dessa explosão, muitos se beneficiaram dela, capitalizando-se e reinvestindo na atividade produtiva, comprando máquinas, veículos e equipamentos que também tiveram aumentos de preços e até uma certa escassez no mercado.

Capitalizados e confiantes nas novas tecnologias que vem chegando, sobretudo na área da digitalização e da internet das coisas, os produtores rurais brasileiros se prepararam para plantar outra grande safra para 2021.

Embora as condições de clima não tenham sido muito favoráveis até agora, a CONAB ainda acredita em novo recorde na colheita de grãos no ano que vem. Com um aumento de 1,6% na área plantada, espera mais 3,5% de volume, chegando a mais de 265,9 milhões de toneladas. Também são esperados aumentos na oferta de carne bovina (3,7%), de frangos (2,1%) e suína (3,6%).

A expectativa é que o PIB do agronegócio chegue a 1,8 trilhão de reais, superando em 2,9% o de 2020, e representando 23% do PIB total do Brasil. Já o valor bruto da produção (VBP) deve crescer 4,2%, atingindo 941 bilhões de reais.

Claro que ainda é um pouco cedo para que essas previsões sejam exatas, e muita água ainda vai correr debaixo da ponte, e precisa chover bastante para isso. Também não é possível fazer estimativas de preços que dependem de vários fatores, como o câmbio, a relação China/Estados Unidos (com o novo governo americano), as safras do hemisfério norte etc. Mas com certeza o agro contribuirá mais uma vez para sustentar a economia do país, gerando excedentes exportáveis que garantam um confortável saldo comercial e, sobretudo, gerando empregos cada vez mais bem remunerados em função das inovações tecnológicas.

*** Roberto Rodrigues - Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**